

O livro **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano** é um livro interdisciplinar essencial para compreendermos o racismo a partir de uma visão crítica e descolonial, com vistas à criação de práticas que possam contribuir para a luta antirracista, que aborda questões cruciais sobre racismo, identidade e colonialismo. Publicado em 2008, o livro é uma coletânea de ensaios que misturam teoria acadêmica com relatos pessoais e histórias coletivas, explorando as complexas dinâmicas de opressão racial. A autora, **Gada Kilomba**, utiliza uma abordagem interdisciplinar para dissecar o racismo contemporâneo, baseando-se em teorias psicanalíticas, pós-coloniais e feministas para investigar como o racismo não é apenas um problema histórico, mas também uma questão presente e estrutural que afeta profundamente as subjetividades e as relações sociais. O título "Memórias da Plantação" remete diretamente ao legado da escravidão e ao sistema de plantations, que sustentou a economia colonial, evocando a memória coletiva das brutalidades e injustiças cometidas contra povos africanos. Kilomba argumenta que essas memórias continuam vivas e influenciam as experiências de descendentes de escravizados, perpetuando traumas e desigualdades. Foi finalista do Jabuti de 2020 na categoria Tradução (Tradutora: Jess Oliveira). Grada Kilomba (Lisboa, 1968) é uma escritora, psicóloga, teórica e artista interdisciplinar portuguesa e atualmente reside em Berlim. Participou da FLIP de 2019.



A **Fundação Casa de Rui Barbosa** iniciou um clube de leitura de clássicos brasileiros. O clube terá sessões mensais, durante todo o ano, que serão realizadas no jardim da Fundação. Os encontros serão das 10h às 11h e a participação é gratuita mediante inscrição prévia. Na primeira edição do clube, serão lidas obras de autores como Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Vinicius de Moraes e Machado de Assis, que têm como característica comum serem grandes narradores da cidade do Rio de Janeiro. Nos encontros serão lidos crônicas e poemas que celebram o Rio de Janeiro, obras que fazem parte do acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), que integra a Fundação e reúne um dos maiores acervos literários do Brasil, com arquivos de 152 importantes escritores, como José de Alencar, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes, Clarice Lispector, Rubem Braga e Carlos Drummond de Andrade. Além dos documentos, o museu preserva aproximadamente 2.000 peças relacionadas. Além das leituras, o evento apresentará documentos do acervo pessoal dos escritores que são preservados pela instituição e que dialogam com as obras lidas.



Fundação Casa de Rui Barbosa
Jardim da Fundação Casa de Rui Barbosa.
Rua São Clemente, 134, Botafogo.

O filme argentino **Um conto chinês**, de 2011, dirigido por Sebastián Borensztein e protagonizado por Ricardo Darín, Muriel Santa Ana e Ignacio Huang, foi filmado na Argentina e Espanha, com locações em Buenos Aires e cenas internas na Ciudad de la Luz (Alicante). A história, baseada em fatos verídicos, fala sobre como amizades genuínas podem florescer, ainda que entre pessoas que sequer falam a mesma língua, quando duas pessoas de coração puro se encontram. Em sua loja de ferragens e em total solidão, Roberto vive entrancheado diante do mundo. Porém, um estranho acontecimento consegue tirá-lo de seu isolamento e colocá-lo de volta em contato com a realidade: acidentalmente aparece em sua vida um cidadão chinês, Jun, que não sabe uma palavra em espanhol. Roberto, a princípio por conveniência, fará todo o possível para devolver o jovem à sua família. Mas o que Roberto ignora é que ele e Jun estão unidos por um estranho destino desde antes de se conhecerem, e ao descobri-lo, ambos modificam definitivamente suas vidas.

Disponível no Disney+



Você sabia?

Você sabia que a língua portuguesa é conhecida como **Flor do Lácio**? Na poesia de Olavo Bilac, a língua portuguesa é a última flor do Lácio. Lácio compreendia um pequeno triângulo de solo vulcânico fértil no qual residiam as tribos latinas. Os latinos fundaram a aldeia de Roma e sua língua era o latim. Em 509 a.C., foram expulsos de suas terras pelos etruscos, mas a reconquistaram e expandiram o império Romano. A língua dos romanos era o latim. Porém, o latim não era um, mas vários. Isto é, existia uma gramática latina oficial, falada por políticos, intelectuais e cientistas, já os militares usavam uma variação dessa, e a população outra. Essas variedades sofriam influências diversas, como por exemplo da convivência com as populações dos territórios dominados. A língua latina foi sendo transformada pelo uso da população dessas regiões, dando origem a oito línguas (flores do Lácio): o italiano, na Itália; o francês e o provençal, na França; o espanhol, o catalão e o galego, na Espanha; o português, em Portugal; o romeno, na Romênia; e o extinto dalmático, falado numa região da Croácia. O português foi a última delas, por isso no soneto **Língua Portuguesa**, o poeta brasileiro Olavo Bilac (1865-1918) escreve no primeiro verso "Última flor do Lácio, inculta e bela", se referindo ao idioma português como a última língua derivada do Latim Vulgar falado no Lácio. O termo também é usado por Caetano Veloso, na música **Língua**.



Língua portuguesa, a última flor do lácio